



Assinaturas Barcellos 2n.^{os} 100 rs.—Fôra de Barcellos, 12 n.^{os} 700 rs.—Typ. Folha Liberal-Barcellos

A FEIRA

HISTORIA

C.M.B.
Biblioteca

BARCELLOS MILITAR

(Sec. XV)

Esse grande colosso de transações, que tem logar todas as quintas feiras, é sem duvida a maior feira semanal, que se realisa no nosso paiz.

Aqui figuram productos de todo o Minho, e concorrem forasteiros de todos os pontos do paiz, a admirar a abundancia extraordinaria, a variedade incomparavel de produções agricolas, desde os productos alimentares, materias primas, industriaes, agricolas especiaes da região, artigos de vestuario e calçado, até ao mais nojento objecto de ferro velho.

Este movimento de transações, é preciso que tenha ainda maior espanção.

Estamos a dois passos do Porto, esse grande centro consumidor, que encerra em seu seio uma população numerosa e activa e cujos destinos estão intimamente ligados ao movimento commercial, de consumo e exportação pela sua barra.

Facilitemos ao compradôr os seus negocios, tratemos de conquistar esse insaciavel centro de consumo.

Já temos um exemplo nos principaes artigos que exportamos, gallinaceos e seus productos, fructas e diversos em principio, como a cebola, batata, gados, etc.

Temos magnificos artigos de exportação, que seriam consumidos em massa, se tivessemos outra orientação nas nossas transações.

Onde está esse flagello, que nos impede de fazêrmos uma maior exportação e termos compradores, para os nossos productos?

Esse mal existe e parece com tendencia a alastrar-se; é o mal das regateiras.

O productor não deve procurar esse intermediario, que compra por uma insignificancia e vende por um exagero.

O lavrador ou proprietario, se quizer auffer melhores lucros das suas vendas, ou obter consumo para os seus productos, deve procurar vendêr directamente; podendo, tambem, servir-se dos negociantes e armazens.

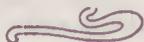
Conquanto não fosse grande a sua importancia estrategica. Barcellos possuiu outr'ora um notavel systema de fortificação.

Villa antiquissima, situada no coração da populosa região de Entre Douro e Minho e não muito distante de povoações tão importantes como o Porto, Braga, Vianna e Ponte do Lima, ficava pela sua situação topographica exposta ás mil correrias e incursões d'esses tempos rudes, em que a guerra era a constante preocupação dos homens, devendo, por consequencia, possuir, como a generalidade das povoações medievaes, um castello, uma muralha, uma simples torre ou atalaya, que a protegesse e lhe proporcionasse condições de resistencia aos frequentes ataques do inimigo.

A necessidade d'esses meios de defesa deduz-se ainda do conhecimento que temos da existencia de outras fortificações n'esta região e não longe deBarcellos, taes como: em epochas muito longinquas um ou outro castro luso-romano, de que ainda restam vestigios no Monte da Ponte, fronteiro ao Castello de Neiva, no monte de S. Lourenço em Villa-Chã e no monte da Saia, na freguezia das Carvalhas; e, mais modernamente, alguns castellos proximos, como os de Neiva, Penafiel de Bastião, Faria e Vermuin, muito notavéis nos primeiros tempos da monarchia portuguesa.

Se os povos d'esta região, então a mais populosa e florescente de todo o reino, se não vissem expostos ás continuas guerras d'esses tempos barbaros, certamente que não cuidariam com tanto afan e interesse na realisação d'esses meios de defesa.

Donais, sabemos que, de todas as provincias portuguesas, era precisamente a de Entre Douro e Minho aquella em que, nos seculos XI e XII, com mais frequencia se encontravam essas construcções militares. Assim o diz o nosso Alexandre Herculano, referindo-se a esta epocha relativamente distante: «Defesas e commettimentos, eis o que se repetia, a bem dizer,



diariamente; porque em cada montanha, quasi em cada outeiro, surgia uma fortaleza, ás vezes uma simples torre, cuja conquista importava a sujeição do territorio circumvisinho, e que eram sustentadas com tanta firmeza pelos que as defendiam, como combatidas com tenacidade pelos que as atacavam.»

Ainda hoje se descobrem claros vestigios da antiga fortificação de Barcellos.

Alem de uma forte e elegante torre, que serve actualmente de cadeia comarcã, temos varios trechos da antiga muralha, uns completamente a descoberto e extensos, outros incorporados já em muitos edificios da villa, mas ainda facilmente reconhecíveis.

E' por estas venerandas reliquias, que a mão do homem e a acção destruidora do tempo ainda não conseguiram apagar, que hoje podemos com facilidade reconstruir toda a antiga fortificação d'esta importante villa.

O seu systema era o geralmente adoptado em todas as epochas da historia, nomeadamente nos tempos medievaes: um campo intrincheirado de duas ou mais linhas de resistencia e um reducto de segurança.

Se a cidade ou villa devia ser toda fortificada, as habitações dos seus moradores eram envolvidas por uma cintura de fortes muralhas ameidadas, limitando um espaço maior ou menor, onde ficavam os quartéis, o templo e outros edificios. E dentro d'este recinto e no ponto mais elevado da povoação, em qualquer pequena collina, uma outra ordem de muros envolvendo a alcaçova ou castello propriamente dito, com a sua torre de menagem, onde residia o alcaide-mór ou governador da praça, e sob a protecção da alcaçova, a cathedral ou a igreja matriz, e não longe os paços do concelho, em frente dos quaes se erguia o pelourinho.

A defesa fazia-se da parte superior das muralhas e torres—dos adarves e cirados—protegendo-se os combatentes com as ameias que as guarneciam; e o flanqueamento era ordinariamente feito das torres, que, de onde a onde, excediam as quadrellas dos muros tanto em altura como em superficie.

Junto de cada porta interior da povoação havia uma torre que a defendia, e a appproximação do inimigo ás muralhas e portas era dificultada pelos fossos ou cárcovas, que envolviam toda a fortificação, pelo menos nos pontos mais accessiveis d'esta.

E, finalmente, para dar entrada no interior da praça, havia juncto da sua porta principal uma ponte levadiça sobre o fôssô.

Isto, em rapido esboço, o typo classico da fortaleza medieval.

Estudemos agora a fortificação de Barcellos.

Não ha duvida que foi D. Affonso, 8.º conde de Barcellos, quem, entre outras obras, que comprehendeu e realisou, mandou construir o castello e linha de muralhas que protegiam a villa. Foi isto ahi pelos primeiros annos do seculo XV.

Seria, porem, esta fortificação a primeira que Barcellos possuiu, ou D. Affonso limitar-

se-hia a reparar ou mesmo ampliar uma outra já existente?

Se bem que nenhum documento authentico esclareça este obscuro ponto, nem d'elle se occupem as velhas chronicas barcelloenses, é para nós muito provavel, e não certo, que, antes da fortificação do Conde D. Affonso, outra existia já e de construcção muito antiga. Eis as razões em que fundamentamos o nosso as-êrto:

A villa de Barcellos era, já no começo da monarchia, uma das mais importantes povoações de Entre Douro e Minho. A pequena distancia d'ella—a alguns kilometros apenas—ficavam como já tivemos occasião de dizer, os Castellos de Faria e Penafiel, o um pouco mais distante o de Vermim e o de Neiva, de que D. Affonso Henriques se apoderou quando, ao declinar o anno de 1127, declarou guerra a sua mãe. Ora, se Faria, Penafiel, Neiva e Vermim possuíam esses fortes castellos, não se pode acreditar que a villa de Barcellos, indubitavelmente uma povoação muito mais notavel do que qualquer d'aquellas, fosse uma villa aberta, completamente desguarnecida e sem nenhum dos meios de defesa militar então tão frequentes e generalizados no paiz.

Mas ha mais:

De documentos authenticos guardados no archivo do nosso municipio, sabemos que já no anno de 1630 se achava em ruinas uma parte da antiga fortificação—a porta do Valle, pois que, em sessão da camara de 9 de novembro d'esse anno, foram multados em dez cruzados alguns lavradores da proxima freguesia de Santa Maria do Abbade de Neiva, por se recusarem a vir, com bois e carros, remover a pedra das ruinas da referida porta, como a camara lhes havia ordenado. E, em sessão de 1 d'outubro de 1631, foi deliberado pelo juiz, verendores e procurador do concelho que, para commodidade do povo d'esta villa e augmento d'ella, se abrisse um postigo na Ferraria, visto estar cahida a porta do Valle e ser por ahi não só difficil mas até perigoso o transitio.

Isto prova-nos que em 1630 se achava completamente em ruinas a porta do Valle ou da Esperança, como era tambem designada; e sendo ella do tempo do Conde D. Affonso, não é provavel que esse fora o seu estado, porque do mesmo tempo era a torre da Ponte, que só cahiu em 1800, e isto devido, diz-se, aos estragos n'ella produzidos pelo terramoto de 1755; e egualmente a torre da Porta Nova, que ainda hoje existe e é habitada, achando-se não bem conservada que não revela o mais pequeno indicio de ruina proxima. Do mesmo modo as muralhas, de que restam alguns lanços, quasi tão firmes e seguros como o deveriam ser poucos annos depois da sua construcção; e se em partes já desapareceram, foi isso devido á natural expansão da villa, cuja população, crescendo successivamente, tinha absoluta necessidade de se dilatar pelos terrenos extra-muros.

Por todas estas razões estamos convencidos de que o Conde D. Affonso nada mais fez do que restaurar e ampliar a velha fortificação de

Barcellos, realisando d'ella ao mesmo tempo certos melhoramentos aconselhados pelos progressos da architectura militar do seu tempo.

(Continua)

A. F.

pronome relativo equivale a "qual", pronome da mesma especie, tanto valendo dizer "por que" como "pelo qual", como na frase "qualquer que seja o lado por que se apresente à nossa consideração".



Ruínas dos Paços dos Condes de Barcellos

PICCOLEZZÈ

Modestas notas sobre linguagem

III

PORQUE—POR QUE

Quasi geralmente e não só no periodicismo, o que mais relevante mas no livro, se faz uma confusão incessante da conjunção *porque* com a locução *por que*, constituida por duas palavras distinctas a proposição *por* e o relativo *que*, e raras são as vezes em que se leem em termos devidos, e appropriatedamente, essas duas expressões, especialmente pelo que respeita á segunda, sendo o vulgar e ordinario usar-se *porque* nas duas formas de exprimir.

Assim ainda hoje leio em artigo de fundo de diario d'esta cidade, firmado por um dos mais, e justamente, celebrados escriptores, quer no campo litterario quer no politico, do nosso meio *estou morto porque os republicanos venham* quando deveria ser *estou morto por que os republicanos venham*, visto que o "por que" n'este caso não frisa o motivo, a causa da oração e afirmação precedente, mas traduz o desejo de que succeda o facto que a oração subsequente formula.

Esta significação do "por que" para o caso sujeito, mas em outras conjuncturas, e o mais vulgarmente, o "que" do "por que, sendo

Com uma pouca, e facil attenção evitavel este improprio e incorrecto modo de escrever.

Lisboa, 14 de fevereiro de 1909.

RODRIGO VELLOSO.



FESTAS DAS CRUZES

A nota regionalista

Entre os premios destinados á Parada Agricola e que o respectivo programma annuncia, ha dois para as lavradeiras que se encorporarem no cortejo trajando o *fato á lavradeira* tradicional do nosso concelho.

O *fato á lavradeira* é uma das mais bonitas, das mais interessantes, das mais caracteristicas, entre as antigas tradições d'esta provincia, e é um dever para nós todos os que amamos a nossa terra e sentimos orgulho em ser minhotos, o esforçar-nos por não deixar desaparecer de toda uma das poucas coisas tão impressionantes e tão lindas que ainda nos restam do passado.

Não nos permite o espaço de que dispomos, occupar-nos largamente de um assumpto de tanta actualidade e de tão palpitante interesse como é o estudo da evolução e dos progressos do regionalismo que tanto interessa os sociologos e

que nos paizes de mais avançada civilização conquistou a sympathia dos povos e mereceu a attenção dos governos.

Limitamo-nos por isso á registar com viva sympathia e com sincero applauso que a nossa terra é das primeiras em Portugal a pugnar por uma ideia tão nobre e tão elevada, e de tão grande alcance social.

Bem haja a commissão dos festejos em querer accentuar n'elles a nota regionalista, tão profundamente sympathica e tão singellamente patriótica.



CANDIDO DA CUNHA

De entre os pintores portuguezes que mais se tem dedicado e que mais trabalham pelos progressos da arte de pintura é, sem duvida, o distincto desenhista do cabeçalho da nossa *Revista*, o qual já enriqueceu o n.º passado.

Candido da Cunha, nosso illustre patricio, sabe, pelo pincel e com grande talento d'artista, que é, transmittir á tela imagens e figuras, tudo o que o pensamento inventa e a natureza deixa ver, e fal-o, com tanta arte, que o seu nome é já apontado e destacado de entre os melhores pintores portuguezes, como revelador de grande talento.

E' Candido da Cunha nosso patricio e isto mais nos conduz a prestar-lhe a nossa admiracão, ao mesmo tempo que lhe tributamos o nosso agradecimento pelo favor recebido por intermedio do nosso querido amigo e seu irmão snr. P.º Augusto Cunha, que é a offerta gentil do desenho para o cabeçalho do *Barcellos-Revista*.

A ambos, o nosso agradecimento.



DE RELANCE

A Paschoa! Lembro-me ainda da Paschoa, nos meus tempos de creança.

N'esse dia, eu esperava impaciente a hora em que o padrinho me trazia uma grande rosca de pão trigo, meia duzia d'ovos tingidos e uns docinhos muito cobertos d'assucar, que eu todo lambia!

E esperava tambem a cruz,—o padre e os mordomos da cesta—o bom padre Senra que Deus haja e que, sempre, em troca d'um beijo interesseiro que eu lhe pousava na palma da mão que me estendia, me dava uns docinhos, uns óvos tingidos e algumas maçãs d'aquellas que o bom povo que pastoreava lhe offerecia de foliar.

Eu era muito interesseiro e o padre Senra era muito meu amigo.

Hoje, nem doces nem óvos da Paschoa!

E com que sentimento de paixão eu me recordo dos bons tempos de creança, d'aquelles tempos felizes em que, saltando e brincando por entre campos e pinhaes, de verão subindo ás arvores para desfazer os ninhos das avesinhas, de

inverno correndo e saltando, para per'ler o frio!

Hoje, apesar de ainda novo, sinto já por sobre mim passar em bando uma alluviao enorme de sandades, d'aquella vida folgada, d'aquellas tantas felicidades que só se rec'dam e sentem, quando a gente chega a saber o que é a vida... quando a gente chega a saber pensar!

Quantas recordações me sobem á ideia, que se avivam ao revistar o passado!

E tudo recordo, por pensar na Paschoa. E' que a Paschoa é ainda, n'aldeia, não só uma festa que perdura, que não desaparece da lista dos crentes, que será sempre a festa solemne dos homens, porem, ainda mais, a festa que a igreja parece mais ter reservado para avivar na mente dos adultos o seu passado infantil e para despertar no cerebro da creança o respeito e a admiracão do passado.

E quem, volvidos annos, se recorda da Paschoa, recorda exactamente a sua infancia, recorda os tempos que vão passando e é mais um, mais dois, mais muitos annos, que envelhecem, que conduzem o homem a nova meninice...

Que bom é recordar o passado!

E tudo se esvae, tudo passa, como o fumo atravessa o espaço e se traduz em... nada!

E que somos nós, na vida, senão o nada!?

Descjaria—e desejo, ardentemente—ver esta terra progredir, avançar, engrandecer-se. Engrandecer-se e brilhar com scintillações aurifulgentes—de uma nobresa pura, pela riqueza do aspecto, pela civilização e distincção dos que a habitam.

Mas que vejo?—Tudo como a encontrei—os mesmos costumes, os mesmos vicios, a mesma baixesa e desordem nos espiritos! E' estupeiando, tudo isto.

Abrem-se escolas, mas a cadeia conserva-se choia.

Lançam-se á publicidade ideias de progresso, mas a apathia conserva-se, estaciona.

Nem um melhoramento local, nem uma transformação, senão completa, ao menos parcial, na vida barcellense... na vida portugueza! Um anno e outro passa, sem que se veja ou se note uma iniciativa praticada, sem que se veja uma ideia nobre, progressiva, de tantas as que se espalham, executada!

Planos, projectos, ideias, pensamentos; tudo se esvae como se esvae o fumo, tudo desaparece como desaparece a infancia, como desaparece a mocidade!

E não é bom ter na memoria os bons tempos da infancia?

Os tempos em que eu recebia, do padrinho e do morto Padre Senra, a rosca, óvos tingidos e doces?

Pois se a gente não recordasse o passado, não podia vêr serenamente o que vê hoje, que, afinal, é o mesmo que havia no Passado!

J. S.



MADRUGADA

Ao José de Castello Branco e Castro

*Immerso em brumas d'ouro, o grande sol brilhante,
Desponta no nascente. E, como um vencedor,
P'la cóncha azul do ceu—colossal diamante!—
Desfere altivamente o vôo de condor*

*Desperta a Natureza, e pallido o semblante,
Começa murmurando, em mystico rumôr,
Uma canção alegre, uma hossana vibrante,
Ao Jehovah da luz, ao sol procreador!*

*E Elle, o velho Deus, sorrindo brandamente,
Como um cesar feliz no carro triumphal,
Vae traçando, no ceu, a curva inconsiente*

*Do seu precurso enorme e sempre, sempre equal.
E a terra extasiada, alegre, commovida,
Desperta p'ra o Trabalho, accorda para a Vida.*

JOÃO DE LEBRE E LIMA

Interesses locais

Caminhos de ferro

O projectado assentamento da via-ferrea que ligue Villa do Conde, Povoá do Varz'ín, Apulia, Fão e Espozende, tendo por limite a Villa de Barcellos, deve merecer a attenção do commercio local, da Camara, da Associação Commercial, das outras Associações, do publico em geral e da imprensa.

Da imprensa local, sim, porque é pela imprensa que se dá vida ás ideias nobres e patrioticas, que se anima a execução de planos ou projectos, que se faz a propaganda de tudo quanto se relacione com o interesse publico. E o projectado assentamento do caminho de ferro de Villa do Conde a Barcellos representa, a nosso vêr, não só a realisação de uma ideia que interessa grandemente as povoações a beneficiar, mas até beneficia, muito mais ainda, os proprietarios, os agricultores, todos, enfim, porque, com o caminho de ferro, mais facil e

mais barato ficaria o transporte dos productos agricolas em que todas aquellas povoações são ricas: e a Companhia, essa, auferiria lucros in-calculaveis, pois que, pondo mesino de parte o transporte de legumes e outras produções agricolas, a receita, proveniente de passageiros, até só para as importantissimas feiras semanaes de Barcellos e para as de Villa do Conde e Povoá, sustentariam, vantajosamente, a companhia. Porem, temos a acrescentar a esta receita, que já seria grande, aquella que provinha do transporte dos productos agricolas que os povos, não só do concelho de Barcellos mas ainda e em maior numero, dos outros concelhos, todas as quintas-feiras expõem á venda no nosso mercado. E o transporte de mercadorias para os commerciantes da villa e ruracs dos quatro importantissimos concelhos?

Tudo isto, em nosso entender e sem nos parecer que erramos na nossa asserção, daria indubitavelmente, lucros espantosos á projectada empreza.

Na epocha de banhos, as familias que frequentam a praia da Povoá, que são em grande numero d'estes centros populosos do Minho, e

tambem as que frequentam as praias de Villa do Conde e Apulia, iram, todas, por caminho de ferro, tornando-se-lhes assim uma viagem mais comoda e ao mesmo tempo mais linda, porque de Barcellos á Povoá e Villa do Conde, por Espozende, Fão, Apulia, Aguçadoura e Aver-o-Mar, o panorama terrestre é lindissimo, é encantador: — mais lindo, sem duvida, do que as margens tristonhas do caminho de ferro de Famalicao á Povoá...

Que todos se interessem, a valer e com patriotismo, pela execução do projecto do distincto escriptor Emygdio d'Oliveira, do Porto; que todos, mesmo por patriotismo trabalhem, como é seu dever, eis o desejo que sinceramente manifestamos. E estamos convencidos de que isto ha-de fazer-se, tal é a necessidade do assentamento d'esta via-ferrea, tal é o beneficio que ella, sem duvida, presta a esta parte da provincia do Minho.



CRONICA LIGEIRA

Para longe os suicidios e assassinatos, o acervo terrivel de crimes hediondos e desastres lamentantes, que ahi succederam na quadra agreste em que o inverno se prolongou desapiadadamente.

Agora sim: primavera franca e occurências alegres, porque as proprias cerimônias da Semana Santa, com toda a sua feição de lucto e lugubre, deram ensejo a muitas expansões de jubilo, não por ellas tem si, mas porque eram mero pretexto para *rendez-vous* da elegancia local e ostentações de luxo e grandezas e mais coizas, onde facilmente se geram manifestações de bem estar e promptas demonstrações de prazer.

Que, de resto, tudo decorreu na forma dos annos anteriores, com os dois sermões do *Ecce-Homo* e Soledade, a procissão da quinta feira mór e respectivas exposições do Sacramento.

Mas a primavera sorria em fartos esplendores de sol creador e uns certos murmurios de festa palpitavam por toda a parte

A Alleluia e a Paschoa estavam mais no espirito das gentes, do que as percucientes cogitações da grande tragedia do Golgotha.

Demais, em trevas como que andavamos todos, ha muito tempo, debaixo do mais rude e pertinaz inverno, de que tenho memoria.

Por isso, agora, era gosar, beber a vida a largos haustos no radioso fulgor d'este esplendido e ridentissimo abril.

E que lindo dia foi o de domingo de Paschoa!

Tambem foi muito bem aproveitado, havendo grande movimento nas ruas e muita concurrencia no jardim e á noite enchente magna no Gil Vicente, onde teve logar um interessante espectáculo d'amadores. Representaram duas comedias, *Fallar verdade a mentir* e *De noite todos os gatos são pardos*, que obtiveram um satisfatorio desempenho, bem como a opereta

Canto Celestial, que igualmente mereceu os ruidosos applausos com que foram coroados os seus habeis interpretes.

Tudo muito bem e nem outra cousa era d'esperar, dada a já provada aptidão do famoso elenco d'intelligentes curiosos, como da alta competencia do seu distinctissimo ensaiador, o illustre major com mandante do nosso batalhão, o snr. Simas Machado, que teve chamadas especiaes com entusiasticas manifestações d'aprecio.

Bravo! Oxalá que a *troupe* não esmoreça e nos vá continuando a dar noites, como a de domingo.

M.

PERFIS MASCULINOS

IV

Este é d'um certo *Castello*
Onde a *Vide* e-tá curada
E veio p'ra' qui, com zelo,
Dar á nossa... limonada!

Quando fez uma viagem
Aos seus qu'ridos patrios lares,
Na volta teve mensagem
E foguetes pelos arcs!

Qual perola aqui cabida
Pela graça do Senhor,
E', por distincção cabida,
Duas vezes director.

Auctor d'un livro profano
E que ninguem deve ler,
Diz coizas n'elle, o magano,
Que até nos fazem benzer!

Tem o seu *quê* de funereo
Que o faz andar em tristeza;
Mas isso não é mysterio;
São coizas da natureza!

Cabellos, olhos castanhos,
Aprumadinho, bom moço,
Sabe da terra os amanhos
P'ra feijão, milho e tremço.

DOIS AMIGOS.



LEBRE E LIMA

Por absoluta falta d'espaco, não publicamos no nosso numero passado o soneto d'este nosso illustre collaborador, que é um dos mais scintilantes espiritos da moderna geração e que já conquistou, pelos seus altos meritos litterarios e artisticos, um nome de destaque nas letras portuguezas.

A s. ex.^a pedimos desculpa.



BARCELLOS=Trajo de lavradeira

AGRICULTURA

A poda da vinha

Os systemas de poda, que se podem usar com vantagem, são a poda de vara simples e vara e polegar.

O segundo é preferivel ao primeiro, desde que a lata esteja toda coberta; mas em qualquer dos casos, a melhor poda, será a que usar um mixto de dois systemas.

O principio fundamental a que deve attendêr-se, é deixar a videira com um numero de varas, compativel com um desenvolvimento vegetativo regular e perfeitamente equilibrado.

São os defeitos da poda, que na maioria dos casos trazem a videira a um estado de fraqueza tal, que uma pequena alteração, nas suas

funções vitaes, podem trazêr uma morte quasi repentina.

O organismo vegetal, obedece exactamente às mesmas leis que o animal, num estado de enfraquecimento, as forças vitaes não podem lutar, com vantagem, contra o germen da doença; e, qualquer irregularidade, no funcionamento dum orgão, pôde muitas vezes trazêr a morte.

Na maioria dos casos o defeito da poda é, deixar um numero de varas exagerado, acompanhado duma má distribuição.

O numero de varas a deixar, a propria videira o indicará; se a rebentação do anno anterior deu origem a varas fracas e enfezadas, é quasi sempre devido a sobrecarregar muito a videira, o que é corrente.

Quando se deixam muitas varas, o resultado é o enfraquecimento da videira; em segundo lugar, embora pareça que se obtem mais massa

vizaria, é um perfeito engano, porque os cachos e os próprios bagos, são muito menos desenvolvidos e dão um producto inferior.

Se pelo contrario ha vara de menos, o resultado é um desenvolvimento vegetativo demasiado e fructificação pouco abundante.

Podam-se de vara simples, os prolongamentos que se destinam a vestir as latas, e de vara e pelegar os braços, que tiverem já alcançado, o logar que lhe compete.

Este systema, tem a vantagem de assegurar a poda do anno seguinte; conservando a vara com pequenos desvios, no mesmo sitio.

O numero d'olhos nas varas, regular-se-ha, pelo desenvolvimento do braço, em que se implanta; mas tendo sempre em vista não excedêr doze, nem sêr inferior a cinco.

Ainda se poderá regular, pela observação nas diferentes castas, da situação dos olhos fructíferos.

A escolha das varas do vinho deve recair, sobre as d'uma grossura regular, isentos de doenças ou qualquer defeito, dirigidas na direcção dos braços, de maneira a seiva a poder circular sem obstaculo.



Jornaes

Recebemos e agradecemos:

A *Folha da Manhã*, semanario d'esta villa; o 2.º n.º da *Photo-Revista*, do Porto, interessante publicação destinada aos amadores de photographia; O *Melro*, folha litteraria, de Fumalicão; A *Arte*, primorosa revista mensal illustrada, de Marques Abreu, do distincto artista portuense que tanto se tem salientado pela perfeição dos seus trabalhos em photogravura e que sustenta, com todo o luxo, a sua revista mensal, quasi só para provar os extraordinarios progressos obtidos pelos seus *ateliers* de photogravura.



MONTE DA FRANQUEIRA

Fallou-se, quando da peregrinação que se effectuou ao monte da Franqueira, que ella seria a instigação para o inicio dos melhoramentos, verdadeiramente necessarios, d'aquelle monte.

Pois até hoje o apesar de já se terem passado alguns mezes, nenhuma iniciativa, nenhum trabalho, nenhum incitamento, se tem feito, a esse proposito! E' extracrdinario—é muito censuravel—tanta apathia, tanto desleixo!

Pois o monte da Franqueira—o lindo monte que é a admiração, que é o ponto elevado mais lindo e mais pittoresco que Barcellos tem nos seus arrabaldes—não é digno, extremamente digno, de se cuidar d'elle?

O panorama encantador que d'elle se disfructa, o aspecto maravilhoso e poetico que se destaca, enebriante, ao contemplar os prados

floridos e tapeta los d' verdura, ao contemplar toda aquella extensissima facha de terra que circunda o monte, recom n'en-la e exige, que do aformoseamento do monte se cuide, como os de Braga cuidaram e melhoraram aquelle onde hoje se venera o sen Bom Jesus e que é o constante chamariz dos forasteiros.

Do monte da Franqueira, junto á pequena e pobre ermida da Virgem, divisam-se, nitidamente, e n'um enlevo subline de admiração e de consolo, as povoações limitropheas, a praia d'Apulia, a linda povoação de Fão a villa de Espozende, uma parte da Povoa e outra parte de Vianna do Castello; e, ainda mais:—uma parte de Braga... o Bom Jesus do Monte!

Que bonito é tudo aquillo, que encantador é toda aquelle aspecto que o monte da Franqueira nos deixa contemplar!

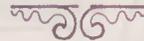
E' preciso que todos os barcellenses, os patriotas, para elle dirijim as suas atenções, cuidando-o, melhorando-o, oformoseando-o, para que, em breve tempo. nós possamos chamar a elle a concorrência de forasteiros—d'aquelles que tem por habito ir voranear em sitios pittorescos.

O monte da Franqueira!—Fallar no monte da Franqueira, é indicar o sitio mais pittoresco que se encontra atravez d'esto Minho, que é todo um jardim, que é todo encantador!

Cuidem os barcellenses dos melhoramentos indispensaveis e projectados do monte da Franqueira: cuidem d'elles, abrindo-se desde já uma estrada que torne mais facil o accesso ao monte, estabelecendo-se n'elle um hotel ou restaurante n'esta epoca calmosa e póde tambem fazer se a construcção de pequenas casas terreas para habitação dos forasteiros.

E porque se não faz tudo isto?

L. A.



TOURADAS

Segundo nos consta, seguiu ha dias para o sul, afim de escolher e marcar o gado que deve ser lidado nas proximas corridas, a realizar nos dias 2 e 3 de maio, por occasião das nossas imponentes e deslumbrantes Festas das Cruzes, o empresario tauromachico snr. Victorino de Souza. E pelo que ouvimos, já estão contratados por aquelle snr., os conhecidos e arrojados cavalleiros José Casimiro e Adolpho Machado. O primeiro, como todos sabem, é inquestionavelmente um dos nos-os melhores cavalleiros tauromachicos e o segundo, que nos dizem de valor, é no entanto pouco conhecido entre nós. Teremos tambem os festejados e apreciaveis bandarilheiros, Manoel dos Santos, João Oliveira, *Malagueño*, Alexandre Vieira, Paschoa e Cecilio. Para *espada* promette o snr. Victorino de Souza, um arrojado *matador*, de grande *cartel* nas praças portuguezas.

Com taes elementos é de enlular duas tardes bem passadas e duas enchentes á cunha. E é esse o nosso maior desejo.

II.